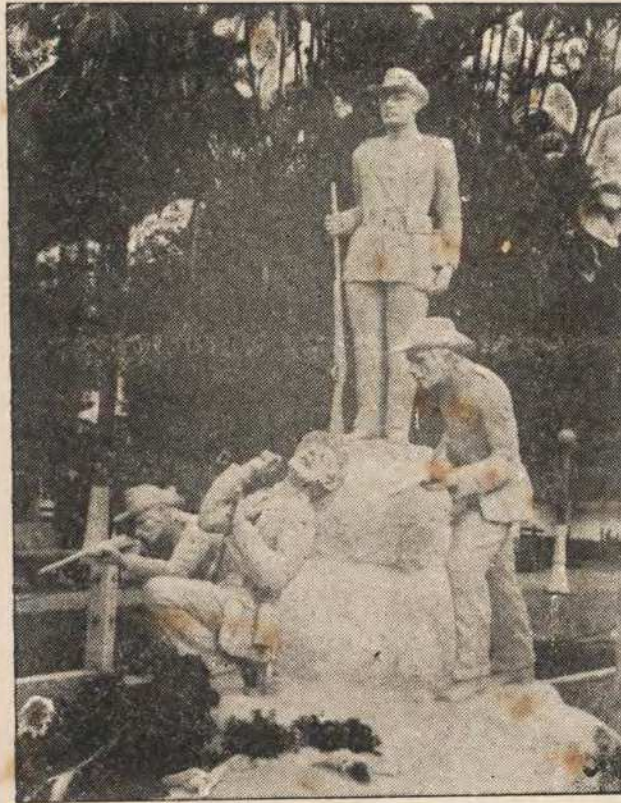


MAX TAVARES DO AMARAL,
Hilário Gouvea, 91



Blumenau

em Cadernos

Tom o VIII

Nº. 6/7

Emprêsa Industrial Garcia S/A

B L U M E N A U — Santa Catarina

ESCRITÓRIO E FÁBRICA : RUA AMAZONAS, 4906

GARCIA

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» — Caixa Postal N° 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MÊSA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS - CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VIII ★ JANEIRO-MARÇO 1967 ★ N.º. 6/7

INDÍGENAS DO ITAJAÍ

José Deeke, cartógrafo e historiador blumenauense de grandes méritos, publicou, em 1917, um trabalho, em três pequenos tomos, intitulado: "Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte" ("O Município de Blumenau e a história do seu desenvolvimento"). A obra foi editada por Rotermond & Cia., de São Leopoldo, Rio Grande do Sul e compreende os tomos 10 a 12, da Coleção "Literatura Sul-Americana" em que a editora inclui vários outros temas atraentes de ficção e realidades, principalmente sobre a colonização alemã no Brasil.

O presente trabalho corresponde a um dos mais interessantes capítulos do terceiro tomo da obra mencionada, em tradução feita por José Ferreira da Silva e revista pela filha do autor, a digna e ilustre historiadora, Cristiana Deeke Barreto.

José Deeke foi uma das testemunhas do trabalho de pacificação dos índios que infestavam a região do Rio Hercílio e, pela sua atuação, como diretor da Sociedade Hanseática, era profundo conhecedor do problema que o índio representou, por muitos anos, na história do povoamento da Bacia do Itajaí Açu. O seu testemunho, portanto, é dos mais valiosos, principalmente para aqueles que se têm dedicado aos estudos históricos e etnográficos de Santa Catarina e especialmente da região colonizada pelo Dr. Blumenau. Além disso, pela maneira simples, como o autor conduz a narrativa dos fatos e a naturalidade com que manifesta as suas opiniões e registra as suas conclusões, a obra de José Deeke é atraente, prende até mesmo o leitor desinteressado das coisas do passado.

Divulgando êsse interessante capítulo, "Blumenau em Cadernos" está, certamente, prestando um serviço á coletividade.

Um dos maiores entraves que a colonização do Vale do Itajaí teve que enfrentar, foi o perigo que o aborígene representava.

Antes, entretanto, de nos referirmos ao problema, nos fatos relacionados com a Colônia Blumenau queremos, em ligeiros traços dizer alguma coisa da história dos primitivos habitantes do Brasil, desde o seu descobrimento.

Quando, em 1500, o Brasil foi descoberto, o seu território era "habitado por aborígenes em milhares de tribos" — como escreveu Bruno Stysinski no seu excelente opúsculo "O descobrimento e o descobridor do Brasil".

"Êles eram de mediana, e até mesmo de baixa estatura, de compleição robusta, de largo crânio e fortes mandíbulas. Rosto pequeno, nariz

regular, com largas narinas, orelhas pequenas, sobrancelhas negras e bem arqueadas, dentes brancos, lábios carnudos, pescoço curto, peito largo, braços redondos e musculosos, pés pequenos, cabelos longos e pele lisa e cobreada; essas as principais características comuns a quase tôdas as tribos”.

Sôbre os indígenas brasileiros existem muitas e grandes dúvidas, ainda não esclarecidas e, com o andar dos tempos, torna-se cada vez mais difícil a pesquisa nesse terreno.

Segundo afirma Bruno Stysinski, na obra acima referida, o mais provável é que uma forte raça tenha abandonado o Perú, fixando-se nos planaltos, entre o Amazonas e o Mato Grosso, povoando-os.

Essa raça seria a dos Quichuas, agora chamados Abaúma.

E como outras descrições dêsse povo, a que pertenceriam os Guai-curus, em Mato Grosso, os Mundurucus do Pará e os Chavantes em Goiás, dão-no como possuindo grandes rebanhos de carneiros, vacas e cavalos, teria, assim, a migração se verificado algum tempo depois do descobrimento do Brasil, pois que é sabido que as primeiras cabeças de gado vieram para a América em 1493, vindas da Espanha e a sua criação aqui só foi iniciada em 1830.

Além da raça dos quichuas, havia ainda duas outras principais: a dos tapuios e a dos tupís, também subdivididas em inúmeras tribos, que habitavam o litoral e os vales dos grandes rios. A sua linguagem tanto se diferenciou que ás vêzes nem mesmo uns dialetos se pareciam com outros, embora o grupo original possuísse a chamada “língua geral”.

No que se refere aos indígenas de Santa Catarina, ao menos no que concerne á região litorânea, que é a que nos interessa, conhece-se muito pouca coisa.

Segundo Lucas Boiteux (*) a costa catarinense, na época do descobrimento do Brasil era habitada por uma tribo, a dos Carijós. Pertenciam aos guaraní, os quais dominavam a costa desde o Amazonas ao Rio da Prata, de sorte que até os portugueses aprenderam-lhes a língua. Possivelmente, o idioma guaraní seria hoje a língua nacional brasileira se o govêrno português, por disposição de 12 de outubro de 1727, não tivesse proibido o seu uso.

Segundo José Vieira da Rosa, (**) deduz-se que a costa catarinense, à época do descobrimento, não era habitada por índios sedentários, antes, êstes foram introduzidos pelos portugueses, que os trouxeram do norte.

Assim, Francisco Dias Velho Monteiro, que estabeleceu o primeiro povoamento na ilha de Santa Catarina, veio com 500 índios de Santos e depois veio de São Paulo um certo Brito Peixoto — que depois fundou a localidade de Enseada do Brito — que também trouxe consigo um grande número de índios.

Embora os carijós não tivessem morada fixa nas costas catarinenses, êles conheciam bem tôdas as redondezas, que perlustravam seguidamente e orientavam os portugueses e espanhóis, guiando-os nas suas explorações em tôdas as oportunidades. Daí também o fato da maioria dos rios e acidentes litorâneos terem nomes indígenas.

O planalto de Santa Catarina também era povoado pelos guaraní, segundo certificou-se o espanhol Cabeza de Vaca por ocasião da traves-

(*) Lucas A. Boiteux “Notas para a história Catarinense” — Livraria Moderna, Florianópolis.

(**) “Corografia de Santa Catarina” — Livraria Moderna — Florianópolis.

sia que fêz desde a costa do mar até Assunção, no ano de 1541.

Esses índios, de acôrdo com «Notas para a História de Santa Catarina», plantavam, duas vêzes por ano, milho e mandioca, criavam galinhas e patos no sistema espanhol e tinham, em seu acampamento, muitos papagaios. Êles comiam carne humana, tanto de cristãos como dêles próprios e, numa palavra, até devoram-se recíprocamente.

As florestas, entre a orla litorânea e o planalto, foram sempre habitadas por indígenas ferozes e insociáveis que se julga fossem botocudos.

Os botocudos, segundo o trabalho de Bruno Stysinski, descendem dos Tapuios que, por sua vez, provêm dos Aimorés. Êstes conhecidos como os mais valentes e cruéis de todos, tinham a côr da pele mais clara, acontecendo, entre êles, até olhos azuis e eram tidos como do mais belo tipo.

A palavra «botocudo» certamente não tem origem indígena: os portugueses assim designavam aqueles índios em razão dos «botoques», que os mesmos usavam no lábio inferior. Os botocudos davam-se a si mesmos designação bem diferente.

Em todo caso, é muito errôneo atribuir-se a mesma origem a todos os índios que usam botoques e que designamos por «botocudos», pois, se compulsarmos os tratados antigos, verificaremos que, antigamente, um grande número, embora pertencente a tribos diferentes, tinha o lábio turado e usando aí um botoque ou disco.

Êsse costume tinham os Tapuios, assim como os Tupis. E também os indígenas, que Pedro Álvares Cabral encontrou na costa brasileira, usavam botoque no lábio.

Assim, não se estará longe da verdade se se afirmar que, nos primeiros tempos, todos os indígenas brasileiros usavam botoque ou tembetá e que só no correr dos tempos e na medida que se iam aproximando do civilizado, perderam tal costume.

O uso do botoque, por indígenas dos nossos dias, não é, senão, uma prova de que êles são ainda selvagens mas, absolutamente, não indica de que tribo êles se originam.

Da leitura das «Falas» e «Relatórios» dos então presidentes da Província, nada se deduz da tribo a que os índios de Santa Catarina deveriam pertencer. Êles eram, apenas, designados como «selvagens» ou «gentio».

O perigo indígena parece ter se agravado da década de 40, do século passado para cá, pois, por essa época, foi aumentado o número de Companhias de Pedestres, que fôra criada pela lei de 25 de abril de 1836, e que foram mandadas estacionar nas zonas onde maior era o perigo.

Assim, por exemplo, dizia o Presidente Severo Amorim do Vale, na sua «Fala», referente ao ano de 1849, que, nas proximidades de Três Barras, no Norte do Estado, onde os índios haviam aparecido, roubando e matando, desde 30 anos antes não se vira rastro dessa súcia.

E como, naquele ano, verificaram-se outros assaltos, o Presidente resolveu, para evitar que êles se reproduzissem, aumentar o número das Companhias de Pedestres, e, assim, foram mandados para São Francisco um sargento, um furriel e 3 soldados e para Itajaí um furriel e 3 soldados etc. e, sempre que se tornasse necessário, poderiam ser contratados até 20 voluntários.

O sôlido diário, para essa gente, foi fixado em 330 réis.

A gente se admira da insignificância do sôlido e do pequeno número dos componentes da tropa de proteção, mas isso representava bem as condições da época.

Naquele tempo, tóda a força armada da Província constava da "Companhia de Inválidos", com 85 homens, que eram empregados na guarda das Repartições Públicas, da Guarnição da Capital e das fortalezas, e a Companhia de Pedestres com 31 homens.

O ordenado de um dêsses pedestres era de 13\$000 e de um soldado de cavalaria 20\$200. Um sargento ganhava 22\$000 e o comandante 30\$000 por mês.

Por volta de 1850, os assaltos de gentios, mais conhecidos por bugres, se multiplicavam sempre mais e não era possível preveni-los, embora tivesse sido aumentada, em 1856, a Companhia de Pedestres, para 70 homens.

O Presidente, Dr. João José Coutinho teve, então, uma boa idéia para remediar ao mal. Ele escreve em sua "Fala" de 1856: "Êsses bárbaros, que não poupam nem mulheres nem crianças, e que só pensam em roubar-nos e assaltar-nos de emboscada, segundo o meu modo de ver, não poderão nunca ser tratados com bondade e condescendência. Usar com êles dêsses meios e sofrer-lhes as consequências é o mesmo que estimulá-os no seu barbarismo, em grande dano da civilização, e proteger o roubo contra o trabalho e a propriedade. Cada vez me convenço mais que o mais prático, senão até mesmo o necessário, é arrancar os selvagens á fôrça da florestas e colocá-los em lugar donde não possam escapar. Dessa forma, poderíamos proteger os agricultores contra êsses assassinos e poder-se-ia, pelo menos, dos filhos dêsses bárbaros, fazer cidadãos úteis".

Quanto a arrancar o silvícola da enorme floresta, era mais fácil dizer do que executar, pois, a tarefa seria, naquele tempo, completamente impossível, ao par das enormes despesas.

Por isso, permaneceu-se com o velho sistema: onde os bugres apareciam, um grupo de "batedores do mato" saía-lhes em perseguição para castigá-los ou, ao menos, afugentá-los, e o caso ficava liquidado.

Vez por outra, já então se tentara a catequese. Assim, por exemplo, em 1868, com os capuchinhos Padres Virgílio de Amplar e Estevam de Vicenza que foram enviados, um para Lages e outro para Itajaí.

Naturalmente, o successo dêsses padres, como nas anteriores tentativas, foi igual a zero, devido, especialmente, à razão de que fôra impossível entrar em contacto com os bugres.

Também o capuchinho, padre Luíz de Cemilila, que veio do Paraná com cinco rapazes botocudos, para fundar um aldeamento, onde concentrar os silvícolas e, finalmente, convertê-los, não obteve nenhum resultado (1885).

Quando, em 1877, o perigo que os índios representavam aumentou, especialmente na frente da colonização, o govêrvo resolveu, afinal, agir enérgicamente e, por isso, organizou aqui e também em outras zonas coloniais, uma Companhia de «Batedores de Mato» para, em constantes incursões pelas florestas, espantar o gentio ou, eventualmente, convencê-los. Não poderiam, entretanto, matá-los. Isso era-lhes rigorosamente proibido.

Em outras regiões não se fêz muito caso dessa proibição e os «bugreiros», como eram, geralmente, chamados os «batedores de mato», emprendiam verdadeiras caçadas aos bugres, aos quais iam procurar no mato e, as encontrá-los, caíam-lhes em cima, aniquilando-os. Isso era, pelo menos, o seu desejo que raras vêses satisfizeram, pois, chegar a um acampamento de bugres, no mato, sem ser por êstes presentidos, não era tarefa fácil.

Em Blumenau, Frederico Deeke foi nomeado chefe dos «bugreiros». Isso foi uma providência acertada, de vez que êsse «Capitão do Mato», como era oficialmente designado, reunia em si as necessárias qualidades para o pôsto; êle era profundo conhecedor das florestas, perseverante e destemido. Tinha, entretanto, um caráter reto e disciplinado e por isso, levou em muita conta as ordens do govêrno. Sua gente tinha ordem expressa de não atirar contra os selvagens, a não ser em extrema necessidade. Nas profundezas da selva eram levantadas cabanas, onde eram postos presentes para os índios, com o propósito de que êstes, voluntariamente, se aproximassem e, por intermédio de um intérprete, trazido do Paraná, (um certo Geremias, que fôra, em criança, raptado pelos indígenas e, mais tarde, escapara) entrassem em contato com os brancos.

Nada, porém, deu resultados. Os presentes postos nos ranchos, ferramentas em grande parte, enferrujaram, ou apodreceram, sem que os silvícolas os tocassem e quando acontecia que uma das cabanas fôsse saqueada, todos os sinais faziam crer que, os que se apossavam dos presentes, eram falsos índios, ou melhor, colonos brancos que moravam pelas redondezas. Naturalmente, o intérprete também não obteve resultado algum, com certeza porque os botocudos, entre os quais êle crescera, falavam linguagem diferente dos de Santa Catarina.

Também o percorrer as matas teve pouco sucesso, de vez que a tropa não era muito numerosa para poder ser distribuída, em grupos, pela Colônia e houve grupos cujos componentes, enquanto o Capitão, com poucos homens, fazia a inspeção dos matos do interior, preferiam ficar em casa e trabalhar nas roças. Assim, aconteceu que, apesar da tropa de batedores de mato, os indígenas fizeram várias aparições.

Em todo caso, é certo que os assaltos de bugres teriam sido muito mais numerosos, não fossem os «bugreiros» e Frederico Deeke, por outro lado, prestou á Direção da Colônia grandes serviços, pois, enquanto percorria o mato, no desempenho de suas funções, sondava o terreno para o prosseguimento da colonização, fazendo relatórios verbais ao Dr. Blumenau, acompanhados de desenhos, o que muito facilitou os trabalhos preparatórios da colonização dos terrenos percorridos.

Por Aviso Ministerial de 23 de agôsto de 1879, a Tropa de PeDESTRES, batedores do mato, foi dissolvida «por medida de economia» (custava 7 contos de réis anuais) voltando tudo ao estado anterior. Surgissem os índios, em algum ponto da Colônia, e haveria grande alvorôço e um grupo de homens se reuniria e penetrava um pouco na floresta. E' verdade que, em casos especiais, voltava o govêrno a formar pequenas tropas para perseguição dos assaltantes, por dias ou semanas inteiras.

Jamais, entretanto, chegava-se a alcançar os selvagens, pois, geralmente, passavam-se alguns dias antes que se tivesse preparado a perseguição e, nesse tempo, os bugres já se haviam retirado para lugar seguro. Além disso, poucos eram os integrantes do grupo de batedores que conheciam bem o mato, de sorte que, já de entrada, era de esperar o insucesso da expedição.

Em outras zonas próximas, fora das divisas de Blumenau, os bugreiros, como já se disse, conseguiram cair sôbre acampamentos de bugres, matando os adultos que não conseguiam escapar e trazendo consigo as crianças. Dessa forma, já pelos fins da década de 80, existia, em Blumenau, uma bugrinha mansa que o Dr. Wigando Engelke, anteriormente, havia adotado em Joinville e que trouxera quando para cá se mudara.

De resto, as crianças indígenas que eram apanhadas, pouco sabiam dizer sobre a vida e costumes dos seus parentes, pois, quando aprisionadas, pouca idéia tinham, ainda, dessas coisas. Além disso, a maioria delas, até que aprendesse o português ou o alemão, tinha engeçado a sua fala materna e, com esta, a lembrança da sua vida nos acampamentos.

Nisso tudo, é estranho que as crianças indígenas, depois de se encontrarem, mesmo por pouco tempo, entre os brancos, manifestam grande medo dos da sua raça. Por isso, nunca foi possível aproveitar alguma dessas crianças, como intermediários, na catequese dos selvagens. E, embora por tais razões, sejam escassas as informações que se têm sobre o comportamento dos botocudos, correm, contudo, muitas lendas sobre esses selvagens, algumas delas bem chegadas ao romântico.

Assim, eles teriam, nas grandes profundezas da mata, ao pé do Morro do Itaiól, um acampamento permanente, onde residia o rei de todos os botocudos. Ali haveria grandes templos, onde existiam enormes ídolos de pedra. Mas, o mais precioso tesouro do rei, seria um enorme pomar onde existia toda sorte de frutas do Brasil.

Os bandos nômades seriam, por assim dizer, soldados do rei, que deveriam impedir o avanço dos brancos e, ao mesmo tempo, conseguir os necessários objetos de ferro. Eles estariam, por anos seguidos, longe do paço real e somente por breve tempo, poderiam ali aparecer quando tivessem feito prêsa considerável, e, de preferência, crianças brancas roubadas.

Os índios, assim se dizia, seriam de duas raças, divididos em castas, residindo os da casta superior, que tinham a pele mais clara, no acampamento do rei, pertencendo às tribos inferiores os bandos de soldados. Os caciques dos bandos seriam nomeados pelo rei e pertenciam à casta superior.

Segundo as explorações, até agora feitas, nas imediações do Itaiól, ali não só não existe a capital dos bugres, como também nunca se ouviu falar, desde que se entrou em contato com os silvícolas, em rei dos botocudos.

Mas é, realmente, estranho que a narração acima fôsse, antigamente, repetida freqüentemente e reforçada por diversas notícias e observações.

Assim, por exemplo, em diversas batidas a acampamentos de bugres, observou-se que o cacique distinguia-se, completamente, dos demais índios, não só no seu comportamento, mas também na cor da pele e na estatura (*).

Também sobre um grande aldeamento no Braço do Norte do Itajaí, o atual Rio Hercílio, chegou notícia a que se julgou poder dar crédito. Um forte grupo de coroados do Paraná, que se sabe viverem em constantes rixas com os botocudos, pôs-se em marcha para ir caçar no Alto Vale do Itajaí; de repente viram eles, de uma elevação, além, na baixada, um grupo de choupanas onde formigavam pelas vermelhas. O fato encheu-os de tal susto que, apesar de serem em grande número e bem armados, apressaram-se em voltar para trás.

Com o correr dos tempos, os silvícolas tornaram-se sempre mais ousados; os assaltos se multiplicavam e os criminosos assaltantes, após a consumação do fato, permaneciam ainda por muito tempo nas imediações donde continuavam a ameaçar os imigrantes.

(*) Esse fato verifica-se da descrição que se fará mais adiante do assalto de Lontras. Igualmente, o cacique dos índios, em vias de domesticação, difere muito dos seus irmãos de tribo.

Na estrada para Curitibaanos, construíram verdadeiras trincheiras donde poderiam destroçar, com sucesso, as tropas que passassem.

Como os botocudos, nos primeiros tempos, costumavam desaparecer o mais depressa possível, após cada assalto praticado, pensou-se que, então, tratava-se de coroados semi-civilizados do Paraná; o fato de ter sido notado que índios assaltantes também falavam o português, veio reforçar tal suposição.

Por algum tempo acreditou-se que, na maioria dos casos, não se tratava mais de verdadeiros bugres e, sim, de bandos de ladrões «civilizados» os quais entravam nos matos sob o pretêxto de caçarem e, depois, fingindo-se de bugres, assaltavam os colonos, roubando-os.

Isso já verificaram os colonos de Benedito, que haviam conseguido afugentar um bando de bugres surgido na localidade; entre os fugitivos conheceram perfeitamente um caboclo, que costumava caçar nas redondezas e que conseguira captar a hospitalidade amiga dos colonos.

Êsse homem usava calças, enquanto os bugres estavam nus e algumas flechas que êle perdera, na fuga, eram amarradas com barbante, em vez de casca de cipó, como os bugres usam.

Entretanto, os colonos devem ter se enganado, pois, do contrário, a polícia, à qual foi entregue a solução do caso, facilmente teria se certificado se o aludido caboclo, no dia do assalto, estivera, ou não ausente, pelo tempo preciso, da sua morada.

Também, na maioria dos casos em que foi ouvido que os índios diziam palavras em português, é de se opôr dúvidas, pois, primeiramente, de longe podia-se perfeitamente confundir as palavras pronunciadas na língua dos bugres com português e, depois, as pessoas que afirmavam ter ouvido as palavras portuguêsas, geralmente desconheciam, por sua vez, completamente, êsse idioma.

Mas a possibilidade de que os indígenas soubessem uma ou outra frase em português não é de se desprezar, visto como, muitas vêzes, êles raptavam crianças brancas de quem poderiam tê-la aprendido.

Em todo caso, é muito estranho que, até hoje, não se encontrou nenhum dos bugres aldeados em Rio Plate que soubesse, mesmo muito mal, o português e nem mesmo pudesse pronunciar, apenas, palavras nesse idioma. Assim, cresce a suspeita de que, parte dos assaltos, deve ser levada á conta dos coroados. Naturalmente, aí deve-se, antes, esmiuçar se realmente, durante o assalto dos bugres, foram ouvidas palavras em português. Em muitos casos, como acima já se disse, isso é muito duvidoso, mas, em um caso, ao menos, parece não padecer dúvida essa afirmação, isso no assalto verificado em Lontras, onde os colonos italianos, conhecedores do português, não ouviram dos bugres apenas algumas palavras nessa língua, mas até puderam conversar com êles, se bem que apenas de grande distância.

Transcrevemos, a respeito, a seguinte interessante notícia («Immi-grant». n.º. 39 de 30 de setembro de 1885):

“Na quinta-feira, 24 (setembro de 1885), á noite, as autoridades policiais foram notificadas de que os bugres haviam atacado os moradores de Rio das Lontras, cerca de 90 quilômetros distantes daqui, matando e saqueando. As autoridades dirigiram-se, imediatamente, ao local para certificar-se do ocorrido o qual, de acôrdo com os depoimentos das testemunhas de vista, tomados no processo, foi o seguinte:

“Cêrca de oito dias antes do assalto dos bugres, os moradores de

Lontras, que são em número de quatro famílias, constataram que, dos altos morros próximos à toz do Rio Itajaí do Sul, subia fumaça e, dessa forma, foram alertados da proximidade dos silvícolas.

Julgando-se, entretanto, em segurança, embora completamente isolados dos demais moradores e constituindo-se no pôsto mais avançado contra os bugres e que dêstes nunca sofreram agressão, os colonos descuidaram-se de tomar medidas de segurança e nem mesmo tiveram a lembrança de alertar os seus vizinhos mais próximos, que ficavam a 18 ou 20 quilômetros longe, nas proximidades de Subida.

Então aconteceu que, no domingo, dia 20 do corrente, a uma hora da tarde, o italiano Antônio Cerati, quando caminhava pelas suas plantações, recebeu uma flechada nas costas, pondo-se a correr, perseguido por dois bugres, até que caiu e foi por êstes massacrado a pauladas. Ao mesmo tempo, o seu filho Francisco, de 15 anos, que estava ocupado junto do monjolo, foi flechado e morto.

Tereza, a filha de 17 anos, vendo de casa a morte de seu pai e de seu irmão, tomou da espingarda e da cartucheira e saiu correndo para a casa de Giacomo Cipriani, que ficava uns 600 passos adiante, para procurar proteção junto á espôsa do mesmo Cipriano que se encontrava ausente, em viagem para Curitiba. Foi, porém, interceptada na corrida por dois bugres desarmados, que já estavam por agarrá-la quando Joaquim Beselin e sua mulher, esta vestida de trajes masculinos, e mais Luciano Bettini, que ocasionalmente se encontrava no lugar, vieram em seu socorro e, pela corajosa ação da Senhora Beselin, uma brasileira de grande presença de espírito, foi a mesma salva. A senhora Beselin tomou então da espingarda, que Tereza conservara nas mãos, e foi, seguida dos seus companheiros, até o local em que jazia Antônio Cerati, cujo assassinato ela assistira de sua casa, na margem oposta do Itajaí, para prestar-lhe possíveis socorros.

Estavam fazendo preparativos para transportar o cadáver, quando os bugres, que haviam começado a saquear a casa do assassinado e a matar a criação, procuraram impedir a sua aproximação, atirando-lhes flechas que, em virtude da distância, que era de uns 300 passos, não lhes causaram dano: por essa mesma razão, as cargas de chumbo das armas dos brancos não alcançavam o alvo. Além disso, os bugres, sempre que viam arma apontada contra êles, protegiam-se atrás dos troncos das árvores, ou jogavam-se ao solo, sem mostrar grande medo das armas de fogo. Uma derrubada recente, que ficava entre os dois beligerantes, impedia maior aproximação.

O número de bugres, nesse dia, era de 13 homens segundo a unânime afirmativa dos participantes. Entre aquêles, achava-se um que falava um pouco de português e que entrou em acirrada disputa com a senhora Beselin.

Depois dêle ter-lhes gritado: «Vai-te embora, cambada de italianos!», foi-lhe respondido que êles é que deviam ir embora; e quando a sra. Beselin lhe gritou que êles não eram italianos e sim brasileiros, êle respondeu rindo e batendo palmas: «Não! Italianos».

Seguiram-se entre os dois, xingações de tôda sorte em português, até exgotar-se todo o abundante vocabulário. Por fim, a senhora Beselin desafiou-o a que se aproximasse, se tivesse coragem, ao que o índio respondeu, batendo no peito com os punhos: «Aqui tem homem — amanhã!»

Todos regressaram então para a casa de Giacomo Cipriani, que ficava, mais ou menos, no meio da zona povoada e comprometeram-se, sob

palavra, de não deixarem o campo aos bugres antes que se acabasse a munição que possuíam. aliás muito pouca.

Ao mesmo tempo que se deve reconhecer a corajosa intervenção da senhora Beselin, do seu marido e de Luciano Bettini, não se pode deixar de condenar a conduta indigna de um outro morador daquela região. Este, um brasileiro de nome Januário, enquanto os outros acudiam a combater e afugentar os bugres, tentou embarcar, com a mulher, numa das duas canoas que estavam á disposição, para salvar a pele — pois não tinha outra coisa a perder. Foram, contudo interceptados.

Entretanto, os bugres festejavam a vitória diante da casa das vítimas, onde acenderam uma grande fogueira, dançando, gritando e devorando os animais abatidos, sem entretanto incomodarem os moradores e passaram sossegados o resto da noite.

Na manhã seguinte, depois de passar a noite inteira em vigília, os colonos, com grande espanto, verificaram que o número de bugres havia duplicado, tornando-se sempre mais atrevidos, andavam dali prá lá em pequenos grupos, sentavam-se nos troncos das árvores, cantavam, gritavam etc. Haviam despido os assassinados e um dos bugres vestia uma camisa, um outro um paletó, um terceiro um boné e assim dançavam, como loucos, diante dos olhos dos sitiados, mas longe do alcance de tiro, sem entretanto se arrisquem a um ataque.

Os pobres sitiados também não ousavam pôr pé fora de casa, embora já estivesse faltando também munição de boca.

Quando, ao terceiro dia, o número de índios havia se multiplicado — os informes dão o seu número como sendo entre 40 e mais de 60 — e os sitiados se viram cercados por todos os lados, ameaçados pela fome e falta de munição e prevendo um ataque mais sério, pelos evidentes sinais manifestados pelos índios, que imitavam vozes de animais, respondidas mais adiante, viram-se êles obrigados a abandonar todos os haveres para salvar a própria vida, escapando, sorrateiramente, da casa vigiada e embarcando nas duas canoas, remando, apressadamente, rio abaixo. O Itajaí era ainda o único caminho que tinham para a salvação.

Ainda assim, só mesmo por acaso, escaparam de um ataque dos índios, porque êstes, quando pouco depois deram pelo fuga, puseram-se em perseguição dos fugitivos pela margem do rio, tendo somente os observado nas duas canoas, já a boa distancia. Alguns chegaram ainda à beira rio. Depois, porém, suspenderam a perseguição.

Em Salto do Pilão, os fugitivos desembarcaram e, vencendo enormes dificuldades, através de caminho que iam abrindo pelo mato, levando os filhos nos braços e nas costas, depois de grande e apressada marcha, chegaram aos moradores acima do Neisse, onde foram acolhidos com grande cordialidade.

Na quinta-feira, dia 24, um grupo de 50 pessoas alcançava o teatro dos acontecimentos para sepultar os cadáveres e recolher algum animal que tivesse escapado.

O corpo de Antônio Cerati já se achava em muito adiantado estado de putrefação, enquanto que o do filho, depois dos bugres o terem despido, jogaram-no na reprêsa do monjolo e, por isso, ainda se achava um tanto conservado.

Constatou-se, então, que as diversas casas tinham sido saqueadas, mortos os porcos e galinhas, sendo, dos primeiros, levados os de maior porte,

enquanto que os pequenos foram deixados. Da mesma forma as galinhas foram mortas, mas abandonadas. Um cavalo foi igualmente morto com uma flechada na espinha e a pauladas. Os outros animais tinham-se pôsto a salvo pela fuga.

Indagados a respeito da aparência dos selvagens, os fugitivos informaram serem todos êles, com exceção de dois, de estatura baixa e atarracada e pele côr de cobre escuro. Os outros dois, altos e esbeltos e de côr bem mais clara, deviam ser caciques, pois não faziam outra coisa que transmitir sinais e ordens aos demais. O andar de ambos e o seu porte diferenciavam-se, completamente, do pisar inquieto e saltitante dos outros e os seus cabelos eram ajeitados para o alto, enquanto os demais os tinham compridos e caídos.

O chefe de Polícia foi pôsto, por telegrama, ao par do sucedido, a fim de que fossem tomadas as necessárias providências e socorros às infelizes vítimas do assalto."

Assim, nesse fato, ficou evidenciado que um índio falava o português. Mas o seu vocabulário não era grande, de sorte que não se pode assegurar tratar-se de branco que se tivesse juntado aos bugres; os coroados, já inteiramente ou meio-civilizados, e mais de uma de suas tribos, também falam melhor o português, de sorte que os bugres de Lontras devem pertencer aos chamados botocudos.

Um ponto de partida na solução do problema do índio, parece encontrar-se no que aconteceu no Ribeirão Milanês, no Alto Cedros, em fevereiro de 1894.

Lá também apareceram os silvícolas e saquearam completamente três famílias, o que determinou a Júlio Vogel, juntamente com dez colonos italianos, a persegui-los e surpreendê-los no seu pouso.

Quando os bugres se viram, assim, ao alcance das armas de fogo, fugiram em pânico, abandonando quase todos os arcos e flechas, panelas, etc. Alguns dos selvagens foram atingidos por projéteis disparados pelos perseguidores, mas nenhum ficou em campo, pois esses silvícolas têm por costume, sempre que possam, levar consigo os seus camaradas caídos.

A impressão causada em Blumenau, quando Vogel e sua tropa regressaram com as armas e objetos que haviam tomado dos bugres, foi a mais profunda possível. Afinal, verificou-se que havia possibilidade de chegar-se até onde os bugres se reuniam e segundo o desejo geral, dar uma boa lição aos perturbadores para acabar de uma vez com essa constante ameaça aos bens e à vida dos colonos.

Organizou-se, então, uma subscrição para formar uma expedição punitiva e, na primeira oportunidade, Gottlieb Reif, destemido conhecedor dos matos, com um grupo selecionado de mateiros, partiu em perseguição dos bugres. Mas, apesar de Reif ter chegado, várias vêzes, aos calcanhares dos índios, não conseguiu jamais surpreendê-los, motivo porque, depois de várias incursões, suspendeu a «caça ao bugre».

E, assim, deixaram-se novamente as coisas como estavam, por vários anos.

Assaltos sucediam-se a assaltos e o resultado das expedições punitivas era sempre negativo, para o que não deixavam de concorrer as enérgicas recomendações do govêrno aos mateiros para que não fizessem dano algum aos bugres e se limitassem apenas a afugentá-los.

Quando, em abril de 1904, os bugres voltaram a assaltar nove famílias nos Fundos Warnow, o mateiro José Bento, com 12 homens, pôs-se a perseguí-los. Essa incursão, parece ter dado resultado positivo, pois os homens voltaram com 52 flechas, 5 lanças e muitas outras coisas que haviam tomado dos indígenas.

Falou-se, então, muito de uma carnificina que teria ocorrido no acampamento dos bugres e é certo que José Bento contava, muito em segrêdo, a algumas pessoas, que êle realmente arrazara o pouso, matando homens, mulheres e crianças que encontrara. Mas, teria êle dito, haveria ainda necessidade de muito trabalho antes que se conseguisse, de uma vez por tôdas, acabar com os selvagens bandos de ladrões, pois, os bugres ainda enxameavam nas rendedezas da Colônia.

Depois disso, realmente, as autoridades ainda confiaram a José Bento mais uma sortida contra os indígenas e, pouco depois, o bugreiro partiu acompanhado de uma forte turma de 20 homens. Mas essa foi a última façanha de Bento. Êle não regressou. Sua gente, depois de decorrida breve ausência, regressou do mato, em pânico, trazendo a notícia de que os bugres, em grande número, a tinha feito recuar, matando na ocasião José Bento, com uma flechada no pescoço. Tivera-se tempo ainda de arrancar a flecha da garganta do morto e de sepultá-lo protegido pelo fogo aceso das espingardas e, depois, em apressada retirada, sempre ativamente perseguido pelos bugres, chegou o grupo a lugar seguro. A flecha fatal foi trazida pelo grupo «como prova», como foi dito. Ademais, todos os componentes do grupo demonstravam grande pavor dos bugres e juravam que jamais se meteriam noutra caçada aos bugres, fossem quais fossem as condições que se lhes oferecessem.

Tôda a descrição d'esses bugreiros retirantes, soa bastante misteriosa e, então, desconfiou-se que as coisas não haviam se dado como êles as contavam, tanto mais quando começou-se então a murmurar que, da primeira incursão de José Bento contra os selvagens, não se dera combate algum e Bento ficara observando o local para onde os índios haviam se dirigido, com as famílias, para caçar e tirar mel de abelhas e então, invadiu o acampamento, que ficara desguarnecido, arrebanhou tudo quanto encontrara. Daí, dizia-se, a razão por que êle só trouxera flechas e lanças e nem um único arco, pois êste o bugre facilmente não deixa nunca no acampamento. Dizia-se ainda que então José Bento afirmara que havia queimado os arcos e muitas outras armas, no próprio acampamento dos índios, porque não pudera transportá-los, o que soa muito inverídico quando se verifica que êle trouxera consigo uma grande parte de canas de flechas imprestáveis, sem ponta.

Pairava assim como se disse, grande dúvida sôbre a segunda incursão, que custou a vida do bugreiro, pois, primeiramente, não é assim tão fácil arrancar-se uma flecha bem encravada e, depois, era muito estranho que não tivessem trazido a espingarda e as outras armas que o chefe morto tinha consigo.

A êsses acontecimentos, seguiu-se uma época de grandes dificuldades para os mateiros e para os colonos situados mais para o interior. Antigamente, tinha-se os índios por grandes covardes e que só procediam a assaltos a lugares onde tivessem, por dias e até semanas inteiras de obsevação, se certificado de que não adviria perigo algum para êles da empresa.

Acreditava-se, piamente, que os bugres nunca atacariam no mato uma turma ou até mesmo um caçador solitário. Mas, o que acantecera com José Bento, acabara com essa teoria e parecia que agora os bugres haviam se enchido de coragem. Êles atacavam turmas e as perseguiram, tocaíavam caçadores e os assaltavam, como, por exemplo, em Rio do Oeste, onde um caçador fôra flechado na coxa; em fim, a insegurança, tanto no meio, como ás bordas da floresta, era grande e o clamor contra o perigo que os índios representavam tornava-se cada vez mais angustioso.

Súbitamente, chegam novas do sul do Estado Segundo essas, lá, um certo Martinho Marcelino, de Angelina, cuja família sofrera grandes males provocados pelos bugres, havia jurado eterna vingança contra êles e já empreendido exitosas caçadas contra os mesmos.

Em breve, as notícias se tornaram mais precisas. E, quando Martinho empreendeu uma incursão aos matos da vizinha

colônia de Brusque e, como prova de sucesso da mesma, regressara trazendo consigo um menino bugre e grande quantidade de armas, começou-se a pensar num plano de aproveitar êsse homem, também aqui em Blumenau.

Naturalmente, não faltou também a propaganda contrária. Martinho era mimoseado, em artigos de jornais, com o epíteto de «assassino de multidões» e quadros horripilantes eram traçados sobre as suas caçadas aos bugres. Sòmente em Brusque êle teria trucidado mais de 80 indígenas.

Mas, á proporção que os chamados círculos humanitários, que se formavam longe naturalmente das zonas influenciadas pelos silvícolas, procuravam pôr o bugreiro Martinho em má luz, como criminoso, o prestígio do mesmo crescia junto aos que estavam sob a ameaça constante do perigo que o indígena representava. E, quando na segunda metade de 1905, os índios realizaram novo e sanguinolento festim no Campo do Figueiredo, na fronteira oeste de Blumenau, Martinho foi convidado a ir até lá.

Martinho subiu a serra com 20 caçadores e destruiu um acampamento de bugres. Daí cortou, em linha reta, até Pouso Redondo, de onde regressou em meados de novembro, com 2 mulheres índias prisioneiras, 6 rapazes e 5 meninas, assim como grande quantidade de armas e oito cachorros, também tomados aos bugres.

A ação foi, aliás, também para Martinho, desastrosa, pois nela êle perdera o seu cunhado Inácio, atingido por uma flecha.

Os índios apresados eram, sem dúvida alguma, coroados, pois não tinham vestígio de botoque e tinham o cabelo cortado á moda que dá designação a êsses silvícolas. Entretanto, não conheciam nem uma única palavra em português, não sabiam o que era arma de fogo, sal, feijão e farinha, do que deveria concluir-se que ainda existiam coroados completamente selvagens, os quais não tinham contacto com os mansos e semimansos indígenas dessa raça, no Paraná.

Os índios capturados foram entregues ao Convento das Irmãs da Divina Providência, de onde, pouco depois, as duas mulheres tentaram fugir com quatro crianças. Uma mulher e três crianças foram recapturadas, enquanto que a outra e uma criança desapareceram. As crianças foram depois distribuídas a diversas famílias, que se obrigaram a sustentá las. Entretanto, algumas faleceram.

Enganava-se, contudo, quem julgasse que os silvícolas, depois dessa exemplar lição, deixassem de fazer novos assaltos; ao contrário, êstes prosseguiram na mesma frequência, primeira-

mente na Estrada para Curitibanos e, depois, em Rio Scharlach, na Hansa, onde os índios saquearam o colono Schulze, depois de tê-lo acertado com uma flecha no braço. Pouco depois, em outubro de 1909, apareceram êles no lote de Paulo Krause, no Rio dos Índios, onde mataram uma menina de 13 anos e onde roubaram muita roupa de uso e utensílios de casa.

Neste último assalto, aliás, pôde-se constatar que o principal fito do bugre não é matar. O ódio ao branco e a vingança mortal contra êle jurada pelo índio, não passa de literatura. O que os bugres querem é apoderar-se dos artigos que lhe são necessários, como objetos de ferro, tecidos, etc.

Naturalmente, a êles pouco se lhes dá de matar alguém, mas não é essa a finalidade dos seus assaltos. Assim, por exemplo êles só mataram a menina em Rio Krauel porque esta saiu a correr em direção à roça para avisar os seus pais, o que, naturalmente os índios quizeram impedir. A um pequenino, que estava deitado no berço, êles não fizeram nenhum mal; só queriam o colchão e, por isso, tomaram da criança e deitaram-na ao chão. (*)

Após o assalto no Krause, a direção da Colônia Hansa, por intermédio do Superintendente Schrader, mandou chamar o bugreiro Martinho e o mesmo veio, em novembro, com um grupo de caçadores a que se juntaram mais alguns de Hansa, tendo entrado no mato com uma tropa de uns 20 homens.

Depois de ter percorrido o distrito de Krauel-Índios, êle voltou sem ter tido qualquer sucesso, pois os silvícolas, que já tinham tomado grande dianteira, não puderam mais ser alcançados. Além disso, Martinho, segundo êle mesmo declarou, ficou satisfeito de não encontrar os bugres por ali, pois pelos pousos abandonados que êle encontrara, o grupo de indígenas que infestava a região devia constar de uns 500 indivíduos, aproximadamente, com os quais a sua tropa não estava capacitada a se enfrentar.

Por isso, Martinho seguiu para a zona do Braço do Oeste onde, pouco depois, tendo encontrado os rastros dos bugres que tinham passado por Hansa, seguiu-lhes no encalço, pelo mato. Desta vez êle teve mais sorte e, a 30 de dezembro de 1906, êle voltou com 2 índias capturadas, 5 meninas e 3 rapazes. Além disso, também desta vez, trouxe 7 cachorros, muitos arcos, flechas lanças e muitos outros objetos tomados aos índios.

E como, no acampamento arrasado, foram encontrados e trazidos muitos utensílios anteriormente roubados no Krause,

(*) Os colchões e travessieiros foram esvaziados das penas na orla do mato. Só levaram o tecido e as fronhas.

ficou demonstrado que se tratava do mesmo bando de bugres, que havia feito os assaltos no Rio dos Índios. A ação custou mais um homem a Martinho.

Os capturados, a julgar-se pela cabeleira, eram, como os da batida anterior, coroados. Somente três rapazes maiores tinham os lábios furados e, certamente, pertenciam à tribo dos botocudos. Martinho explicava o fato afirmando que os coroados, que são inimigos figadais dos botocudos, em algum encontro com estes, certamente capturaram e ticaram com esses rapazes em sua companhia.

Os bugres capturados foram igualmente levados para o Convento, onde eles reconheceram a mulher que fôra anteriormente aprisionada e ali internada. O interessante do caso foi que essa mulher que, antes, mostrava-se jeitosa e alegre, no momento em que entrou em contacto com os recém-chegados, tornou-se teimosa e desobediente e, segundo parecia, só pensando em fugir. É possível que que essa índia, até então, estivesse na suposição de que o seu marido tivesse perecido no assalto em que ela fôra capturada e que, agora, tivesse tido notícias de que o mesmo ainda era vivo e tivesse arranjado outra companheira. Nada porém se pôde saber dela sobre o motivo do seu desgosto, embora já dominasse suficientemente alemão, para dá-lo a conhecer nesse idioma.

Entretanto, levantava-se, cada vez mais forte, o clamor contra a «carnificina indiana» e em Florianópolis organizou-se a chamada «Liga Patriótica» que tinha por finalidade a proteção aos pobres silvícolas. Essa proteção, entretanto, era dada, apenas, aos silvícolas desculpando-se os assaltos e mortes dos colonos que os mesmos praticavam e procurando evitar a sua perseguição e o castigo que mereciam.

Entrasse um grupo de colonos na floresta para, depois do aparecimento dos bugres, afugentá-los das imediações e, certamente, já se levantariam gritos contra a «carnificina de bugres».

Os bugres deveriam ter sido, antes, como formigas em número, se se levasse em consideração os cálculos que eram feitos dos que foram abatidos por Martinho e outros bugreiros.

Mas isso, absolutamente, não era verdadeiro, pois, autoridades conhecedoras das florestas, como Emílio Odebrecht e Frederico Deeke, muitos anos antes dos feitos de Martinho, estimavam o número de indígenas, no Vale do Itajaí, entre 150 e 200 cabeças. E como, mais tarde, por ocasião do seu aldeamento, encontrou-se, mais ou menos, esse número, não poderia ter sido lá tão grande assim a cifra dos que foram abatidos, tanto mais

sabendo-se que a multiplicação por excesso de nascimentos dessa raça é praticamente nula.

Conforme se soube mais tarde, foram mortos nas batidas e pelos bugreiros, bem poucos bugres. O célebre bugreiro Martinho, certa vez, contou-me a seguinte aventura:

“Quando eu entro no mato, acompanhado de uns 20 homens, mais ou menos, não se pense que eu, com essa tropa, cáia sôbre os bugres para aniquilá-los, como a maicria do povo julga.

“A maior parte dos homens do grupo é ocupada no transporte da munição de bôca e de guerra e da bagagem e eu mesmo, com bem poucos homens, estamos quase sempre bem adiantados dêsse grupo, de sorte que me tenho visto obrigado a passar noites inteiras sem comer nem beber, acororado atrás de algum tronco de árvore.

“Quando sinto que estou próximo dos indígenas, deixo os companheiros para trás e, sorrateiramente, me aproximo sôzinho do acampamento para observar-lhe bem a situação e avaliar o número dos seus ocupantes. Depois, volto, furtivamente, para a minha gente.

“No outro dia, no amanhecer, volto cuidadosamente, acompanhado de bem poucos homens, até próximo ao acampamento; para encontrar o carreiro, basta-me apenas a luz de uma vela de cêra. Coloco, depois, os homens ao redor do pouso, um pouco distanciados um do outro e aguardo até que a claridade seja suficiente para se dispensar a luz da vela. Então, sôzinho eu vou até ao rancho e salto para o local em que estão guardadas as armas. Os bugres têm o costume de colocar, ou pendurar num cavalete, ou cabide, durante a noite, tôdas as suas armas, isto se o acampamento fôr pequeno; se fôr maior, haverá um outro cavalete ou cabide para as armas e, neste caso, eu terei que valer-me de outro homem de confiança, como, por exemplo, o é o meu irmão, que terá de ocupar então aquêle segundo depósito de armas. Eu derrubo, então, o arsenal, ao mesmo tempo que solto altos gritos e disparo a minha pistola. Nós, nesses assaltos, só usamos pistolas que são mais manuseáveis que espingardas. A êsse sinal, a minha gente também se põe a gritar e a disparar, avançando para o acampamento.

“Sob tão terrível espetáculo, os bugres acordam-se do seu profundo sono, pulam e, encontrando o lugar das armas ocupado, deixam tudo e fogem tão celeremente quanto possível, ganhando as profundezas da floresta. As mulheres, que têm crian-

ças pequenas, e as crianças que não puderam fugir, jogam-se ao solo, levantando as mãos, pedindo graça.

“Tão logo são levantadas e, com algumas batidas no ombro, são declaradas prisioneiras, comportam-se como tais e obedecem a cada gesto meu, de sorte que não é difícil trazê-las para fora do mato. Os grupos que ficaram para trás, respondem aos tiros e gritos e avançam também. Com isso, a tarefa está acabada. Quando muito ainda exploramos as redondezas do acampamento, por onde eventualmente pode estar escondida alguma criança, atrás de tranqueiras por elas mesmas preparadas.

“Todos os arcos, flechas, lanças e outros objetos são então acondicionados e amarrados da melhor forma a serem transportados. O que não se pode levar é queimado e com tôda a prêsa pomo-nos de regresso para casa.

“E os que fugiram -- pergunto eu -- não tentam depois, interceptar o grupo para, ao menos, recuperarem as mulheres e as crianças?

“Eles não o poderiam fazer, responde-me Martinho, porque estão desarmados e o pavor que têm das nossas armas de fogo é muito grande. Eles contentam-se, pois, de uma distância razoável, em insultar-nos em altos gritos e, assim, nos acompanham muitas vêzes por dias inteiros”.

“E como é que você consegue descobrir o acampamento sem ser pressentido?”

“Bom, isso é a minha especialidade, disse-me êle sorrindo. Ou eu me aproximo, sorrateiramente, á bôca da noite, quando todos já estão reunidos no acampamento, ou de madrugada, muito cedo, quando todos ainda dormem. Eles, geralmente, deitam-se tão cansados das suas danças noturnas, que dormem até dia claro. Além disso, não tenho necessidade de me aproximar demais do acampamento; posso observá-lo de certa distância”.

“Uma coisa, porém, me causa espécie — continuo indagando — é sôbre o comportamento dos cães, que os índios possuem. Você trouxe, há tempos, um grande número dêsses animais e êles seriam muito brabos. A gente, naturalmente, supõe que êles pelo menos dariam sinal á aproximação de algum inimigo do acampamento. . .”

“Desta vez Martinho riu. — «Ora, lá isso não representa nenhum perigo. Para isso temos a nossa simpatia».

“Que simpatia? perguntei espantado”

“Nada mais simples do que isso, respondeu êle. Naturalmente, quando andamos no mato, devido ao muito andar, pular e subir,

nós andamos, em geral, sempre suados e durante tôda a incursão geralmente não mudamos de roupa. Quando chegamos próximo aos acampamentos de bugres, então tiramos a roupa e vestimo-lanovamente mas pelo avêso. Isso faz-nos soltar um odor tão penetrante, que os cachorros ao se aproximarem, não fazem mais que sacudir a cola e não se movem do lugar.

“E você sòmente fêz prisioneiros, perguntei-lhe, e arrecadou armas, sem causar outros danos aos indígenas?”

“Isso mesmo! confirmou Martinho. Pode acontecer, aqui ou ali, que de uma dessas batidas saia algum bugre ferido, ou mesmo morto. Não tanto porque eu queria poupar êsses bandos de ladrões, mas porque isso constituiria um grande perigo para a minha gente tirotear o acampamento no lusco fusco da manhã e justamente na afobação em que eu e os primeiros a entrarmos no acampamento sempre estamos. Por êsse motivo, a minha gente sempre tem ordem de só atirar para o ar”.

Eu conversei muito tempo mais com o experimentado bugreiro. De acôrdo com a sua opinião, existem três espécies de silvícolas: bandos semi-selvagens de ladrões, integrados em parte por criminosos e em parte por coroados semi-civilizados e, por isso, mais perigosos do que os coroados e botocudos(*)

Os últimos, pensa êle, são os menos agressivos e atacarlhes os acampamentos é coisa bem simples pois êles não tomam nem mesmo os mínimos cuidados com a sua segurança.

Quanto ao mais, parece-me a narração de Martinho digna de crédito, pois, outros participantes do seu grupo já me haviam feito comunicação idêntica. Também a respeito dos mortos, que custaram duas incursões de Martinho, foi constatado que os ferimentos pelos mesmos recebidos foram de arma de fogo e não por flechada ou golpe de lança, de onde se pode deduzir foram sacrificados pelos próprios camaradas quando, por primeiro, assaltaram o acampamento.

Enquanto isso, a «Liga», em Florianópolis, resolvia pôr em prática as suas teorias, tendo nomeado a José Bernardino da Silveira² como «Pacificador dos Índios», como êle mesmo sechamava.

As idéias dêsse senhor não eram absolutamente novas e já haviam sido experimentadas, mas por cujo sucesso êle chegava mesmo a jurar.

Ele planejava fundar uma aldeia com índios já mansos,

(*) Essa afirmação de Martinho é certamente resultante de êrro. Tanto quanto se confirmou agora, após a pacificação dos indígenas, todos os assaltos verificados dentro dos limites de Blumenau, de que se tem notícia, foram praticados pelos índios da raça dos botocudos. Da presença de outros habitantes das selvas não se tem notícia até agora.

na zona do Rio do Oeste, mais ou menos na região de Pombas e para cujo fim, em janeiro de 1907, lhe foram confiadas, por ordem superior, as duas mulheres indígenas que ainda se encontravam no Convento das freiras. Não foi, porém, muito longe com elas, pois, mal havia se afastado uns 10 quilômetros de Blumenau e onde êle havia planejado a primeira etapa da sua viagem, as duas «fadas» da floresta aproveitaram-se do escuro da noite e fugiram e se não as viu mais. A outra mulher bugra a qual já desde bem anteriormente se encontrava no Convento também nesse meio tempo ganhou o mato com uma criança e desapareceu. A mulher nunca mais foi vista mas a criança, uma menina, algum tempo depois, foi recapturada á entrada do mato, em Lontras, quase morta de fome e em miserável estado.

O «pacificador dos Índios» Silveira seguiu então para Palmas, no Paraná, onde, segundo diziam, iria arranjar outros bugres mansos para povoar a aldeia que êle pretendia fundar e, dali, pacificar os nossos índios. Entretanto, êle nunca mais retornou e o seu projeto poderia ser atribuído aos capuchinhos Virgílio de Amplar, Estevam de Vicenza, Luis de Cemitila e outros que anteriormente dêle se haviam ocupado.

Também um certo Fric, que também se dava o pomposo título de «Pacificador» foi falado por algum tempo pelas conferências que realizava sempre que se apresentava oportunidade, sobre as «tremendas chacinas de bugres» em Santa Catarina. Mas bugre algum, naturalmente, jamais teve oportunidade de ver o homem por aqui.

No de 1910 foi criado oficialmente o Serviço de Catequese Leiga e, como inspetor em Santa Catarina, foi nomeado o então primeiro tenente José Vieira da Rosa.

Mas como, em todo o país, era pequena a confiança que se dispensava em organismo oficial dessa natureza, foi com ceticismo que a medida foi recebida, o que não deixava de ser muito justo nos primeiros tempos. Esse «Serviço de Proteção aos Índios» fôra criado só para dar atenção aos silvícolas e não para dá-la também ao colono. Foi-se tão longe que chegou-se a chamar de «nossos estimados patrícios» a essa horda selvagem que nada quer saber da civilização e para quem nada significa a morte de um branco. Os roubos e assassinatos a que os «prezados patrícios» deram comêço foram atenuados, procurando-se mesmo esquecê-los depois que se firmou o ponto de vista de que os silvícolas, com as suas correrias e assaltos queriam, apenas, evitar o avanço dos brancos nos seus seculares domínios e revidar e vingar-se das crueldades que contra êles eram pelos mesmos brancos praticadas.

O govêrno vendera, entretanto, «o domínio dos silvícolas» e ali estabelecera colonos; e se, então, o indígena os massacrasse, incendiando-lhes as posses, aqueles não poderiam, nem mesmo, expulsar a horda de assassinos. Eles teriam que suportar tudo, pois os indígenas estavam com a razão. Em verdade, uma esplêndida definição de justiça e injustiça!

Por algum tempo, contudo, pareceu que o problema do índio estava em vias de ter solução fácil, pois, parecendo mesmo que os indígenas estavam a espera que se criasse o Serviço de Proteção no dia 8 de novembro de 1910, no Ribeirão Liberdade, 43 indígenas, chefiados por um certo José Rodrigues, que participara já das incurções do bugreiro Martinho, saíram do mato para pedir a proteção dos brancos. Essa gente estava visivelmente esfomeada e em miserável estado; diziam-se botocudos que não podiam mais aguentar-se nos matos, particularmente agora quando eram seguidamente perseguidos pelos coroados.

Como os mesmos usavam botoques, deixou-se que eles passassem mesmo por botocudos. O alvoroço foi grande em face do acontecimento e as opiniões tomaram duas direções; enquanto a maioria dos colonos, á qual as coisas não pareciam merecer muita fé, fechava-se em dúvida, os outros, que antes já sempre haviam quebrado lanças a favor dos silvícolas, principalmente os funcionários do govêrno — sem maiores indagações, tomaram como verdadeira a farça dos botocudos.

Detalhados telegramas foram trocados com as autoridades superiores em Florianópolis e no Rio, e era grande a preocupação pelos «conterrâneos de pele bronzeada» quanto ao acolhimento por parte dos colonos até que, afinal, chegou o tenente Rosa e tomou a si o cuidar dos pobres habitantes das selvas.

Vieira da Rosa, entretanto, foi de menos cerimônias com os indígenas do que as pessoas que, até ali, tinham olhado por eles. Pela manhã cedinho, antes que a bugrada tivesse feito a sua «toilette matinal», êle penetrou no rancho onde ela passara a noite e descobriu que se tratava de botocudos «falsificados». Verificou-se, então, que se tratava de simples guaranis do Paraná os quais, durante o dia, usavam botoques feito de cera colavam ao lábio inferior, onde faltava de todo o célebre orifício. E também descobriu-se logo que o cacique falava bem o português. O antigo caçador de bugres, José Rodrigues, havia encontrado, em algum do Paraná' aquela gente e tornara-se chefe da representação daquela «Comédia do Ribeirão Liberdade» como mais tarde a mistificação ficou sendo conhecida. Os índios tentavam, por essa forma, passar algum tempo de fartura e José Rodrigues

certamente contava com uma boa gratificação pela *pacificação* dos «botocudos». Mas, naturalmente, as coisas passaram-se de outro jeito. José Rodrigues foi prêso e processado por embuste e outras culpas que êle ainda tinha no cartório. Os índios, entretanto, foram recambiados, através do Cedros — Rio Preto, ao Paraná, e ali entregues ao seu Inspetor que os reconduziu ao interior do Estado. O mesmo grupo de índios, nove anos antes, em fins de junho de 1901, havia representado a mesma comédia na Hansa de Joinville. Eles ali apareceram, em Isabel, num forte grupo de 16 pessoas e, enganando que ali desejavam estabelecer-se, foram sustentados por algum tempo, até que um dia desapareceram sem deixar rastro. Naquela ocasião, a coisa fôra feita com um pouco mais de honestidade, pois não havia nenhum apóstolo branco no meio dêles e nem se haviam feito passar por botocudos, tendo dado a conhecer a raça a que pertenciam.

Enquanto o inspetor ainda se ocupava com os guaranis, aparecidos em Rio Preto e ali aguardava a chegada do seu colega do Paraná, os bugres surgiram no Ribeirão Rafael, na Hansa de Blumenau, mataram o colono Pletz e saquearam a casa do colono Düsterhöft. Como o autor, na sua qualidade de Diretor da Colônia Hansa, temesse que os índios se dirigissem para a linha próxima de Scharlach, e ali praticassem correrias, telegrafou ás autoridades competentes e pediu autorização para mandar um grupo de batedores de mato em perseguição dos índios, a fim de prevenir novas desgraças.

O governador respondeu-lhe que se pusesse em contato com o Inspetor Rosa mas que de forma alguma tomasse qualquer medida contra os bugres, pois desta poderiam se originar excessos que o govêrno não mais toleraria e que a afugentação dos bugres poderia prejudicar o nobre e humano propósito com que o govêrno federal desejava trazer os silvícolas ao seio da civilização.

Nesse meio tempo os bugres apareceram novamente em Rafael. Eles não empreenderam nenhum assalto porque encontraram os colonos preparados para repeli-los, mas molestaram com tantas ameaças os mesmos colonos que êstes viviam em constante medo de assaltos iminentes.

Ante as representações da direção da Colônia, as autoridades se conservavam surdas; elas só sabiam repetir a recomendação da decisão a que se havia chegado de processar todo aquele que intentasse entrar no mato para fazer mal aos silvícolas.

Finalmente, o juiz de direito mandou para ali, pelo menos por alguns dias, dois soldados de polícia para estacionarem em Rafael. Qualquer um pode logo imaginar que isso não servia de proteção alguma e, por isso, a direção da Colônia resolveu estabelecer postos de observação em vários lugares, pelo menos para que os colonos atendessem ás suas mais urgentes obrigações.

Por fim, perto de três semanas após o ataque, chegou, a 2 de janeiro de 1911, o Inspetor Rosa, o qual entrou a observar todos os arredores e depois de certificar-se do que se fazia necessário, passou a tomar as indispensáveis medidas. Rosa que não só era oficial enérgico, senão também sensato e cuidadoso na escolha dos meios necessários, prometeu á viúva Pletz

uma indenização razoável e começou a organizar um serviço de segurança para os colonos. Entretanto, não lhe foi possível dar, desde logo, plena execução aos seus planos, pois foi, nesse meio tempo, chamado a Florianópolis pelos seus superiores hierárquicos.

Quando Rosa regressou, oito dias depois, mudou completamente o seu comportamento. Ele trouxe consigo o comissário de polícia de Blumenau e o respectivo escrivão e abriu um inquérito a respeito do fato, mandando citar, para comparecerem em Hammônia, todos os vizinhos do assassinado Pletz. Ninguém atinava com as razões dêsse proceder e os colonos de Rafael deram-se por satisfeitos que as suas afirmações foram pronta e prazerosamente acolhidas. Os colonos afirmaram que a horda de selvagens que levara a efeito o assalto não era de indígenas legítimos mas de corcados já semi-mansos, como a imprensa teimava em afirmar. Nisso tudo o interessante foi que os colonos, embora êles mesmos desconhecessem o português, teriam ouvido dos bugres palavras nesse idioma. O ferimento que causou a morte de Pletz e o qual o médico havia certificado ter sido produzido pela ponta de uma flecha, foi, insistentemente, dado pelas testemunhas como tendo sido produzido por facão; certamente elas desconheciam que as lanças dos bugres são providas de larga e aliada ponta de ferro, que produzem ferimentos que podem ser confundidos com os produzidos por facões de mató.

Mas, como se disse, tudo foi registrado no processo, sob o sorriso das autoridades e muito logo se descobriu a razão dêsse inquérito, feito com tanto atraso. Os colonos Kummel, Pabst e Reuter, do Baixo Rafael, julgando, segundo parece, que a direção da Colônia não agira com suficiente energia na condução do negócio e, julgando estar prestando um grande serviço aos colonos do Alto Rafael, solicitaram, contando com a cooperação do ex-diretor Mörsch, a intervenção da Diplomacia. Mas justamente aconteceu o contrário do que êles esperavam, pois, conforme se verificou, pouco depois, por notícias publicadas pelo jornal «Novidades» de Itajaí, o governo brasileiro, em razão da intervenção diplomática, viu-se em dificuldades e determinou, então, a abertura do inquérito que o aparelhasse a provar que Pletz fôra vítima de criminosos comuns e não de indígenas que estavam sob a proteção do governo, pois, assim dizia a notícia, os indígenas não possuem facões e nem sabem falar português, como se demonstrou pelos depoimentos dos colonos. Que se tivesse visto alguns homens nus, á distância, nada provava, pois, as testemunhas arroladas não puderam afirmar que êles eram realmente bugres.

Naturalmente, também a viúva Pletz não recebeu indenização alguma e a proteção aos colonos, como fôra a princípio planejada, não se concretizou. Tudo fôra por águas abaixo.

O interessante nisso é que o Inspetor, apesar de ter ficado inteiro de que não se tratava de silvícolas, mas de uma horda de criminosos semi-civilizados, ou talvez criminosos comuns não quiz, nem assim, saber nada de mover-lhes perseguição, preferindo estabelecer novamente postos de guarda em Rafael e, depois, em outras localidades. Naturalmente, essas sentinelas eram de pouco valor, pois, não possuíam armas com que pudessem se defender em caso de necessidade e ainda por cima não eram práticos do mató. O «chefe» era um alfaiate de Blumenau, que não podia viver muito bem do exercício de sua profissão; o «sub-chefe» era um sapateiro, também de lá. Como guardas, não se aproveitou nenhum colono de Hansa, pois, não se confiava muito no seu amor pelos bugres e, por isso, aqueles postos foram con-

fiados a um grupo de pessoas dos arredores de Gaspar. Também, atinal, a qualidade dos guardas e dos seus chefes era coisa secundária porque se êles não podiam defender-se dos índios e muito menos atacá-los, êles não tinham senão que representar papel decorativo; para isso êles serviam bem.

Além disso, ao Inspetor Rosa não sobrava muito tempo para tomar providências de maior profundidade, pois, mal êle chegava a algum lugar onde os bugres recentemente haviam aparecido, êle já era chamado a outro, onde se dera um assalto, de sorte que se encontrava quase seguidamente, em viagem.

Além disso, o govêrno federal houve por bem reorganizar o Serviço — que já tinha quase dois anos de idade — e, em consequência, Santa Catarina deixou de ser sede da Inspetoria da qual ficou incumbido o Rio Grande do Sul. Rosa que, nesse entretempo, foi promovido a capitão, foi dispensado e, em comêço de julho de 1912, o Inspetor do Rio Grande do Sul, Raul Abbot chegou a Blumenau para organizar o Serviço segundo os seus planos.

Primeiramente, Abbot localizou, na foz do Ribeirão Plate, onde a Sociedade Hanseática de Colonização já havia construido uma pequena estação, um dos chamados "Pôsto de Atração" onde os silvícolas seriam aldeados, segundo o sistema do Chefe da Catequese, Coronel Rondon. Pouco depois, fundou outro pôsto semelhante na região do Krauel.

No entanto deram-se, naturalmente, outros ataques de índios em outras regiões, mas, até lá, Abbot só foi de passagem, pois, afirmava, não poderia levar a sua ação tão longe pois, a sua finalidade cingia-se exclusivamente aos dois postos levantados na Hansa, visto como aí, nas florestas virgens, permanência predileta dos indígenas, era o local apropriado e onde poderia surgir a oportunidade mais próxima de se entrar em contato com êles. Em setembro de 1912, o Capitão de polícia estadual, Euclides de Castro, foi nomeado seu ajudante; êste encarregou-se do Serviço fora da região da Hansa.

Nesta tornavam-se, de dia para dia, mais intensas as medidas tomadas para a efetivação da Catequese dos índios. Abbot realizou, juntamente com o Inspetor do Paraná e o Dr. Aldinger, um longo giro pela região do Alto Rio Hercílio, tendo-se nessa ocasião subido também o Morro do Itaiol. Nessa oportunidade, nada se encontrou das grandes colônias de indígenas que, segundo as muitas lendas, deveriam existir por aquelas bandas; é verdade que devia se levar em consideração que, apesar de longa visão que se tem do alto do Morro, tais colônias poderiam estar ocultas detrás de outros morros mais altos da região. Mas não parecia provável que grandes bandos de índios permanecessem na região, pois, se assim fôsse, as florestas deveriam estar mais cortadas de «carreiros» do que na realidade estavam. Foi pena que a finalidade da expedição fôsse, apenas, verificar a existência de índios e eventualmente fazer conhecimentos nas suas colônias, pois é deveras de lamentar que não se tivessem levado técnicos e os necessários instrumentos geográficos e geológicos para se fazer levantamentos daquela zona de que pouco se conhece.

Com o tempo, o Serviço de Proteção aos Índios foi se concentrando sempre mais em Hansa. A sede da Inspetoria foi transferida para Hammônia. Vieram mais funcionários e, por solicitação da Inspetoria, a Companhia Hanseática de Colonização desistiu de uma área de 30.000 Hectares de sua concessão, no Alto Rio Hercílio, para que os índios, após a sua pacificação, ali vivessem.

Por fim, veio também o sub-diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Dr. Manoel Miranda, a Hammônia e trouxe mais alguns funcionários para intensificar os trabalhos de pacificação.

Para povoar os postos, o Dr. Miranda trouxe 30 coroados mansos do Paraná; além desses ele trouxera também o célebre índio Fuiotó, de São Paulo, onde tomara parte na pacificação de uma tribo selvagem. (*)

Naturalmente os bugres continuaram nas imediações a incomodar os colonos e os senhores da Catequese tiveram que agüentar diversos ataques e provocações dos jornais.

Pior ainda tornou-se a campanha, quando a Comissão de Estudos para a Construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, sob a direção do Dr. Breves, chegou á região do Rio do Oeste e ali contratou, para sua proteção, o bugreiro Martinho. E quando Martinho propôs aos senhores da Catequese entrar para o seu serviço para ir buscar os bugres no mato e trazê-los vivos, eles, verdadeiramente indignados, repeliram a acintosa proposta do «degolador de bugres.»

O Inspetor de Índios ativou grandemente os trabalhos, de um modo especial no Krauel, de onde scria aberto um caminho de tropas até o Morro do Itaoil e, eventualmente, até o divisor de águas do Canoinhas, por onde passava a estrada Curitiba-Rio Negro.

Mas, um belo dia, os bugres assaltaram os trabalhadores na picada. E, embora a batida, dessa vez, não tivesse conseqüências funestas, a continuação dos trabalhos não foi mais possível porque os trabalhadores recoleram-se ao pôsto, onde logo foram ter também os senhores da Catequese para entenderem-se com os bugres mansos que ali já se achavam e combinar com eles o trabalho de conversão que deveriam empreender. O gramofone entrou em ação. O hino nacional e outras bonitas músicas foram rodadas, entremeando-se as de chamados, em tom monótono, dos bugres mansos para que os índios sáissem do mato. Os indígenas, realmente, cada vez se aproximavam mais, não porém para se deixarem converter, mas para matar os seus protetores. Isso era realmente uma grande ingratidão, pois o Dr. Miranda e Abbot haviam dado aos indígenas prova bastante da sua benevolência quando colocaram a flecha, que um bugre havia disparado contra um trabalhador da estrada, sem ferir-lo, no mesmo local, com símbolos de amizade e presenças. Mas os indígenas não queriam saber nada disso. Apertavam, antes, cada vêz mais, o cêrco ao acampamento e como a maioria dos trabalhadores havia dado o fora, a situação dos senhores ia ficando cada vez mais crítica. Mas só se deu conta da gravidade da situação quando o trabalhador Horak, tendo se despedido do serviço e já se dirigia para casa, foi tocado e morto na estrada.

Afinal, um trabalhador mais ousado conseguiu atravessar os lugares mais perigosos e levar notícias para fora, em virtude do que os colonos se reuniram em grande número e seguiram para a estação de onde libertaram os sitiados. Os senhores da Catequese deixaram as coisas bem arrumadas, com uma porção de sinais demonstrativos de amizade, para quando os bugres voltassem. Estes, porém, não entenderam nada dos sinais e quando a estação foi abandonada, arrasaram-na, roubando o que lhes apetecia e queimando o restante, juntamente com as construções.

(*) Exposição sobre o Serviço de Proteção aos Índios e localização de trabalhadores nacionais, constante do Relatório do Sr. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, relativo ao ano de 1911.

Acreditar-se-ia que os referidos senhores, afinal, vissem a impossibilidade de catequizar os selvagens por essa forma. Mas isso, absolutamente, não foi o caso. Quando os indígenas se retiraram a estação do Krauel foi reconstruída e o pòsto no Rio Plate foi formalmente transformado num grande povoado.

Em ambas as estações, tanto no Krauel, como no Plate, foram levantados mirantes, de onde gramofones soltavam, em direção ás matas, as mais lindas melodias enquanto a bandeira nacional tremulava ao alto. Ao anoitecer, a coisa tornava-se de maior cerimônia. Então o gramofone tocava o hino nacional e a bandeira era arriada solenemente, ocasião em que formava todo o pessoal do pòsto. Na opinião do Dr. Miranda, tudo isso havia de fazer, com o tempo, impressão sôbre os silvícolas e êle costumava repetir: «E tudo uma questão de tempo. Haveremos de chegar á meta desejada».

Infelizmente, também êle era muitas vêzes vítima de falsas informações por parte de seus companheiros de trabalho que, com isso, desejavam apenas agradá-lo, reforçando-o no seu otimismo. Assim, por exemplo, um trabalhador, quando ainda andava pelo mato, á noite, teria observado um grupo de silvícolas que, acorados no chão, e profundamente emocionados, ouviam os suaves sons de um número musical que o gramofone tocava. Isso, naturalmente, era uma grande mistificação, mas o Dr. Miranda acreditou.

Naturalmente que os bugres, depois de amansados deveriam ser transformados em bons cidadãos. Até para isso os preparativos já estavam sendo feitos.

No Plate já se havia localizado uma família de negros, com uma porção de filhos e, próximo a ela, deveriam ser localizados alguns caboclos, de sorte que os indígenas, quando deixassem a mata, pudessem logo entrar para o grande caldeirão em que se estava amalgamando a futura raça brasileira. O material para uma escola havia sido encomendado e o único desgosto do Dr. Miranda era que a Companhia Colonizadora Hanseática doasse somente 30.000 hectares de terras na região do Taió; êle desejaria que êles fôsem na zona do Krauel e do Plate onde tudo já estava tão belamente aparelhado. Mas a tanto a Companhia não poderia chegar, pois ela doara as terras com o intuito de que nelas fôsse fundada uma colônia nacional nas partes mais longínguas da concessão para acabar com o perigo que o indígena representava. Ela não tinha o mínimo interêsse em trazer êses indígenas mais para perto.

Em meio aos trabalhos de organização, o Dr. Miranda foi chamado ao Rio. Êle prometeu que, com os necessários meios que conseguiria, regressaria o mais breve possível, mas, muito logo se soube que em razão da política financeira do govêrno, goraram todos os belos planos que se haviam feito. O Dr. Miranda foi dispensado do Serviço de Proteção aos Índios e Abbot também demitiu-se e voltou para o Rio Grande, retornando ás suas funções no serviço telegráfico. Também os restantes funcionários foram se retirando, uns após outros, e a Inspetoria que, no entretanto, havia se desligado da do Rio Grande, foi incorporada à do Paraná. Em Hammônia, ficaram somente três moços, funcionários subalternos, que cuidavam dos postos.

O Guarda do Pòsto do Rio Plate era um moço de nome Eduardo Hoerhann, que exclusivamente por amor á causa e, não, como os demais, pelo simples ordenado, entrara para o Serviço de Proteção aos Índios.

Há muito êle verificara que o sistema de atração espontânea, por meio do gramofone, não daria resultados e concluiu pela adoção de método

diferente. Êle tentaria perseguir os indígenas até os respectivos acampamentos e atirar-se no meio dêstes, como fazia Martinho. Mas não para matá-los ou aprisioná-los, como aquêle fazia, e sim para entregar-se, êle mesmo, completamente desarmado, aos silvícolas. Dessa forma êle esperava, se os bugres não o matassem no primeiro momento de surpresa, conseguir o que desejava. Com coisa parecida, êle conseguiu, afinal, atrair os índios, com a diferença de que êle não precisou procurá-los e sim que os bugres vieram espontaneamente — e, infelizmente, quando Eduardo se encontrava em Hammônia — e atacaram as poucas pessoas que se achavam no pôsto e quando estas fugiam rio acima, pelo mato a dentro, completaram a obra, como de costume. Levaram consigo roupas e objetos de ferro e o resto quebraram e queimaram. Até o belo gramofone foi sacrificado, não escapando o estoque de arroz, feijão, farinha, carne-sêca e sal que tudo foi destruído pelo fogo. Êles só levaram consigo o milho.

Êsse ataque sucedeu no domingo, 20 de setembro de 1914. E quando Eduardo um dia depois, teve notícias do acontecido, pôs-se imediatamente a caminho do Plate com um grupo numeroso de trabalhadores. O autor chegara, também, ocasionalmente, no dia 21, ás proximidades do Pôsto, e dirigiu-se então, com dois trabalhadores até lá, onde chegou poucas horas depois do entendimento. As suas impressões, êle as consubstanciou no seguinte artigo, publicado no «Blumenauer Zeitung»:

UM SUCESSO DA CATEQUESE LEIGA

“A Inspetoria de Índios, ou a «Comissão dos Bugres», como aqui se costuma chamar, mantém na região da Hansa, dois chamados «Postos de Atração», um dos quais no Krauel e o outro no fôz do Rio Plate. Êsses postos, que estão cada um dêles, ocupados por um encarregado, alguns trabalhadores e por alguns bugres mansos com família, servirão com as suas plantações e presentes colocados nas imediações, de chamariz aos indígenas, com os quais se entraria em comunicação através dos bugres já mansos. De princípio, porém, as coisas não foram bem sucedidas. Quando os indígenas apareceram, da primeira vez, no Pôsto do Rio Krauel, ocasião em que mataram o trabalhador Horak, não foi possível, de forma alguma, entrar em contato com os mesmos e os próprios funcionários, que lá se encontravam, deram-se por felizes de ter livrado o próprio pêlo. Depois, pareceu que os silvícolas haviam abandonado de todo as imediações. Não apareceram mais e os postos, mantidos com grandes despesas, pareciam efetivamente ali feitos para recreio dos funcionários, de sorte que êstes últimos mesmos, também acabaram perdendo a confiança que, de princípio, os animara. Agora e de repente os bugres surgiram, a 20 dêste mês, e sem que se tivesse notado qualquer sinal, puzeram a correr todo o pessoal que se encontrava no Pôsto do Plate e puzeram fôgo em tôda a rancharia. O momento para o ataque fôra bem escolhido, pois, o chefe do Pôsto achava-se justamente, em Hammônia; três homens tinham descido o rio, de canoa, para buscar mantimentos e dois outros haviam subido o rio para caçar e pescar.

“Dêsse modo, só quatro homens, entre êles um índio manso, assim como uma mulher negra, com algumas crianças, se encontravam no Pôsto onde não havia munição alguma para as «Winchesters» existentes e, além disso, também era terminantemente proibido atirar nos bugres, de sorte que tôda essa gente pôs-se em fuga, pela picada que margeia o rio abaixo. O bugre manso procurara entender-se com os seus irmãos de raça; êstes, porém,

responderam com flechações ás propostas de entendimento, pois não entendiam patavina do que o outro falava.

Assim, o insucesso parecia que também desta vez fôra completo e assim seria certamente, se o guarda do Pôsto, um homem ainda muito jovem de nome Eduardo Hoerbann, com decisão e coragem, não tivesse salvo a situação.

Logo que recebeu notícia do assalto, Eduardo seguiu, imediatamente, de canoa rio acima, com um grupo de homens convocados e chegou ao local no dia seguinte ao do acontecimento. Depois de esconderem, bem no fundo das canoas, o armamento que traziam, dirigiram-se para o local do Pôsto ainda fumegante de onde o bugre manso Bree começou a gritar para dentro do mato. Os indígenas então responderam imediatamente e viu-se que alguns estavam sentados nos troncos de árvores, havia pouco derrubados para roça, e de que fizeram postos de observação. Êles soltaram uma espécie de grito de guerra e faziam ameaças com as suas setas que êles tinham ajustadas aos arcos.

Mas, Eduardo, que havia aprendido o idioma Caigang dos índios mansos, exgotou todo o vocabulário que dominava, e assim também os índios, até que chegaram a trocar palavras conhecidas. Quando notaram a semelhança das línguas, também os indígenas se esforçaram por falar bem claro e devagar, de forma que se chegou a um razoável entendimento.

Mas, com isso pouco ainda se havia conseguido, pois os indígenas tão facilmente não se convenceriam de que nada de mal lhes aconteceria. Êles acreditavam que o que se queria era atraí-los para depois aniquilá-los e, por isso, continuaram mantendo atitude hostil, ameaçando com as suas armas, impedindo qualquer tentativa de aproximação.

Então Eduardo atirou fora as armas que ainda tinha consigo e de braços levantados seguiu em direção aos índios, acompanhado do bugre Bree, na mesma atitude.

Apesar dos indígenas verificarem que dos dois homens desarmados não poderia vir-lhes perigo algum, continuavam desconfiados e ameaçavam atirar. Quando os dois já se achavam bem próximos, um índio mais assanhado atirou duas flechas, uma das quais passou arranhando ao lado do peito do índio Bree. Vendo êsse gesto de seu companheiro, os outros bugres zangaram-se e afastaram-no e então também jogaram as suas armas ao chão.

Com isso, as primeiras dificuldades foram contornadas. Os índios, imediatamente, apoderaram-se dos presentes que lhes foram oferecidos, embora mostrando-se sempre muito desconfiados. Os objetos deviam ser levados a um determinado ponto e quem os levasse deveria regressar imediatamente. Só então os índios iriam buscar os donativos. De princípio, êles preferiam peças de roupa e objetos de ferro. Mantimentos, como açúcar, farinha, feijão e arroz êles não conheciam ainda. Nos seus assaltos o que êles encontrassem dêsses mantimentos, punham fora e só levavam os sacos. Ao contrário, demonstravam êsses silvícolas um grande amor pelos cães e quando o autor destas linhas, pouco depois do primeiro entendimento, chegou ao local, levando consigo dois cachorros, os índios ficaram como doidos por êles. Não havia necessidade de se compreender o idioma indígena, para se saber o que êles queriam, pois os seus gestos e chamados eram bastante claros. Êles, por exemplo, seguraram uma corda e imitavam o latido do cão; um sujeitinho pequeno e gordo tinha até em sí muito de judeu, pois depois de demonstrar o seu desejo de ter um dos cachorros, segurou um pequeno

espêlho — que êle certamente havia furtado antes — gesticulando de modo a dar a entender que estaria disposto a dar o precioso objeto em troca do cão. Quando nós lhes demos um dos animais, a sua alegria foi enorme. Mas, modesta aquela gente não era de modo algum; nunca se mostravam êles satisfeitos e não sossegavam enquanto se lhes não dessem tôdas as peças de roupa de que se poderia dispôr. Primeiramente, vinham do mato sòmente uns cinco ou sete bugres desarmados e êles vestiam, além da própria tanga, todos os paletós de que anteriormente se haviam apropriado, enquanto permaneciam com as pernas nuas. O cacique postava-se, imóvel, à beira do mato e tinha, pelo que se podia notar, atrás de si um grupo de índios armados.

Entretanto, os silvcolas já se tornaram mais confiados e já chegam agora — especialmente desde quando famílias de bugres mansos foram trazidos do Scharlach — até os ranchos do pôsto e até uma vêz já trouxeram consigo mulheres e crianças. Mas, todos de uma vez êles não vêm para fora e ainda continuam a ficar grupos armados á beira do mato enquanto os visitantes se encontram no Pôsto.

Agora também se descobriu porque é que o entendimento no idioma Caingang foi tão difícil. Não se trata pròpriamente de Caingangs (*) como se julgava, mas de botocudos e todos os homens têm o célebre turo na lábio, onde colocam um pedaço de pau ou de osso. Só um dêles fala sofrivelmente o idioma Caingang, enquanto alguns outros homens entendem alguma coisa.

Sôbre o número de indígenas pouco se sabe ao certo, pois ainda não se pôde recenceá-los, porque não saem todos do mato, e as informações que êles mesmos dão sôbre o seu número não representam absolutamente realidade. Além disso, os botocudos saberiam contar até 5, quando muito até 10. Daí porque não poderem dizer quantas cabeças êles são ao todo. Portanto, o comêço ai está. E' de esperar que se consiga segurar os indígenas, a fim de que terminem, de uma vez, os horrorosos assaltos aos colonos, pelo menos no que se tem levado á conta dos botocudos.

Naturalmente, Eduardo Hoerhann ficou mais do que satisfeito com êsse sucesso. Se êle, entretanto, pensou em realizar uma completa e pronta pacificação dos índios, errou redondamente. Conforme já se disse no artigo citado, os bugres tornaram-se logo mais confiados e vieram até o Pôsto com mulheres e crianças, mas êles patenteavam, debaixo dessa confiança, uma forte dose de fantasia e de atrevimento. Fantasia por imaginarem que não êles, mas os brancos é que estavam sendo «amansados» e julgavam-se acima dêstes; atrevimento porque êles não admitiam armas nas mãos dos brancos do Pôsto enquanto êles mesmos, seguidamente, apareciam com as suas armas,

Se Eduardo chegasse com maior número de trabalhadores armados, os indígenas retornavam logo á floresta e êle deveria temer que êles não voltassem e, assim, puzessem a perder todo o sucesso que já se conquistara. Levasse êle pouco armamento consigo, para, pelo menos impôr um pouco de respeito, êles o tomariam á fôrça.

Por isso, não restava a Eduardo outra solução que suportar, por en-

(*) Assim se tratam os coroados.

quanto, a insubordinação dos silvícolas para poder, primeiramente, aprender-lhes o idioma e então, mais tarde, com a experiência colhida, dar mais um passo adiante. Mas suportar isso não foi nada fácil para Eduardo. Primeiramente os indígenas eram difíceis de contentar quanto aos presentes que lhes eram repartidos.

Mal chegava uma remessa de coisas novas, como cobertores, fazendas e objetos de ferro e era distribuída, já eles estavam exigindo outras novidades e se estas não chegassem como eles desejavam, ele tinha que ser castigado; eles o punham a um canto e xingavam-no, cutucando-o com a ponta de suas lanças afiadas de sorte que ele via a cada instante a morte diante dos olhos.

Também houve dificuldades, relativamente aos gêneros alimentícios pois os indígenas levavam, primeiramente, só um pouco de farinha e milho. Tudo o mais, como arroz, feijão, carne-sêca, e tudo quanto era salgado, eles regeitavam; por isso, estavam sempre ávidos de carne verde. As rêszes eles denominavam «Cavallú» e quando uma cabeça de gado lhes era entregue, eles logo a abatiam e retalhavam o corpo ainda vivo com couro e tudo.

Depois de Eduardo ter suportado, por muito tempo, a difícil situação, esta piorou em virtude da indisciplina dos bugres mansos e de tal forma que ele resolveu, pelo menos, abandonar o Pôsto, o que de fato fez, durante uma curta ausência dos silvícolas. O resultado disso foi que os bugres surgiram na localidade de Índios e saquearam a casa do colono Mais. Foram, porém, perseguidos e enxotados de volta para o nordeste.

Nesse meio tempo, Eduardo recambiou os bugres mansos para o Paraná e trouxe outros para substituí-los. E o Pôsto do Plate foi novamente ocupado. Passou-se muito tempo sem que os indígenas aparecessem. Mas, afinal, também eles voltaram e, o interessante no caso, foi que eles começaram a tratar melhor Eduardo e a sua gente, certamente temerosos de que os seus fornecedores de objetos e gêneros alimentícios fôssem embora novamente.

Infelizmente, o govêrno reduziu de tal forma o orçamento dos postos de Catequese que quase não era mais possível continuar a manter a Estação e, ao mesmo tempo, corria a notícia de que, por tôda a parte, se tinha o sucesso alcançado por inverídico. Todo mundo estava convencido de que se representava, no Plate, idêntica comédia à que, tempos atrás, os funcionários da catequese, com o Diretor da Companhia Hansa, haviam encenado, para, dessa forma, acreditarem-se mais perante o govêrno e impedir que cessassem as atividades do Serviço de Proteção aos Índios que aquele estava disposto a suspender.

E depois que, por iniciativa do autor, vários senhores de responsabilidade de Blumenau visitaram o Pôsto e se certificaram da verdade a respeito dos indígenas, dissiparam-se as dúvidas e, assim, só faltava que fôssem liberados os meios para o melhoramento da Estação. Por isso, entretanto, teve-se que esperar muito. Ao invés de meios, vieram tempos de tanto apêrto, que os indígenas, tangidos pela fome, desceram o Rio Hercílio e surgiram nas imediações do Scharlach.

Os temíveis botocudos que, por séculos seguidos, resistiram a tôdas as tentativas de aproximação do branco e, por isso, eram tidos, por tôda parte, como insociáveis, tornaram-se, depois

que Eduardo Hoerhann, corajosamente, surgiu entre êles e provou-lhes que os brancos também eram gente (*), tão confiados que resolveram, no entretanto, fazer uma visita ao principal «acampamento» dos brancos.

Mas êles não tinham noção alguma do que fôsse propriedade, plantações ou criação de animais domésticos; antes, êles acreditavam que tôdas as plantas bonitas como batatas, aipim, etc., cresciam nos campos, naturalmente, como o mato e que os animais domésticos andavam também em grande quantidade á sôlta, selvagens e que se poderia caçá-los como êles faziam com a caça do mato.

Mas, depois que, no Scharlach, êles abateram os primeiros leitões, foi-lhes mostrado de modo plausível que as coisas eram muitíssimo diferentes das que êles haviam imaginado. E Eduardo, que no decorrer do tempo, tinha-se imposto ao respeito dos mesmos, levou-os de volta para o Plate.

Os botocudos do Plate denominavam-se a si mesmos de «Caingangs», da mesma forma que os coroados. Os seus idiomas, em muitos pontos, se assemelhavam, assim como a maneira de cortar os cabelos, de sorte qua se deve acreditar que os primeiros sejam coroados ainda bravios, ou, talvez, descendendo de outra raça, misturando-se, com o tempo, de tal forma com os «Caingangs», que dêstes adquiriram as atuais características.

Tal miscigenação é encontrada fàcilmente e exatamente entre indígenas inimigos entre si, pois êsses povos têm sempre o costume, quando vencedores, de matar sòmente os homens, apoderando-se das mulheres e crianças. Por essa forma, êles vão incorporando ao próprio, têrmos do idioma dos vencidos e absorvendo, paulatinamente, usos e costumes dos mesmos, em tal ordem a torná-los dominantes em seu seu meio.

Contudo, descendam ou não, êstes botocudos dos primitivos coroados, ou provenham de qualquer outra ascendência, o fato é que, ao quanto se sabe, êles se constituem em grupo racial próprio e são a única raça que ocorre por tôda esta zona.

E' bem possível que ataques anteriores tenham sido praticados por bandos criminosos semi-selvagens, mas, os que se deram nos últimos anos só podem ser atribuídos a esses botocudos do Plate; êles mesmos no-lo asseguram agora.

(*) Êsses indígenas só a si mesmo se tinha por gente; tinham os brancos por animais monstruosos.

A teoria da tribo de coroados selvagens não mais subsiste, e tôdas as mulheres e crianças que Martinho trouxe das suas batidas, eram botocudos. Os seus parentes encontram-se no Plate e, da mesma forma, as mulheres que conseguiram escapar. Antes não se sabia que só os homens dessa tribo usam o botoque que só era aplicado, com certas cerimônias, nos rapazes quando entravam na puberdade e que as mulheres, em vez disso, usavam os cabelos cortados como os homens. Daí ser desculpável o engano de Martinho. Mas, isso mesmo, pelo fato dêle jamais ter observado botoques nos bugres que se dizia teria êle abatido, é mais uma prova de que êle, realmente, nunca vira, pelo menos não de bem perto, homens indígenas adultos, o que teria certamente acontecido se êle, realmente, os degolasse.

No entretanto, vai progredindo, lentamente, a pacificação dos índios no Plate, e Eduardo já conseguiu que êles não realizem mais assaltos nas redondezas, do que, realmente, êles não têm mais necessidade pois a Estação lhes fornece os meios de que êles têm precisão.

Ademais, ainda não se sabe bem a respeito do número de índios existentes, pois, mesmo quando grande número dêles se reúne na Estação, ainda assim não estão todos; de tempos em tempos, podem-se observar caras novas entre os bandos que regressam ao Plate, das grandes incursões venatórias que empreendem. Em todo caso, estima-se a população silvícola em 150 a 200 indivíduos.

No que toca, propriamente, à Catequese, ela não está sendo lá muito proveitosa, em virtude dos poucos meios de que dispõe. Mesmo que os indígenas se dispuzessem a permanecer, definitivamente, na Estação, isso não lhes seria possível por falta dos principais gêneros de subsistência. Êles são, assim, obrigados a empreender as suas demoradas incursões de caça.

Seja como fôr, êles aprenderão, com o tempo, os preceitos do mundo civilizado e o significado exato do meu e do teu, de forma que mais tarde, quando o assunto despertar maior interêsse, se poderá fixá-los em alguma região.

No que concerne, porém, á colonização, se as coisas continuarem como vão indo, o problema que o indígena representava, está resolvido. Desde o encontro havido no Plate, cessaram os assaltos e latrocínios que, anualmente, os silvícolas empreendiam contra os colonos.



ELETRO-AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Telefone, 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: «ELAÇO»

ITOUUPAVA — SÊCA

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Fundição de Aço — Laminação de Ferro e Aço

Fábrica de Máquinas — Fábrica de Ferramentas

Forjaria — Fundição Elétrica.

INDÚSTRIA TÊXTIL
Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Sta. Catarina — Brasil
Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal N° 2
Telegr.: «TRICOT»



FÁBRICA DE
Artefatos de Malha

Fundada em 1880

CONTRIBUINDO PARA A
GRANDEZA DO BRASIL
EM SEU COMÉRCIO
E INDÚSTRIA

INDÍGENAS DO VALE DO ITAJAÍ —

Relação dos assaltos verificados no território do Município de Blumenau, desde a fundação da Colônia.

Organizada de acôrdo com os relatórios dos Presidentes da Província e, posteriormente, com os jornais locais, por José Deeke. (*)

N.º.	ANO	M Ê S	DIA	L O C A L	B R A N C O S		OBS.
					Mortos	Feridos	
1	1852	Dezembro	28	Barra da Velha	—	—	Dois dias depois do assalto, foram encontrados 2 bugres mortos no mato.
2	1855	Janeiro	29	Blumenau	2	—	
3	1862	Dezembro	1	Blumenau	—	—	
4	1866	Janeiro	6	Garcia	—	—	
5	1870	Março	16	Alto Rio do Têsto	3	—	Mortos F. Brunkow, s/ mulher e 1 filho
6	1872	Fevereiro	19	Rio do Têsto	1	—	
7	1872	Julho	23	Garcia	1	—	Morto o colono Schatz
8	1872	Novembro	19	Benedito	1	—	No lote de Ittner. Morto um rapaz e raptada uma menina.
9	1876	Outubro	14	Rio dos Cedros	1	—	
10	1877	Fevereiro	24	Rio dos Cedros	—	—	
11	1877	Março	2	Tatutiba	—	—	
12	1877	Maiο	5	Itoupava Alta	—	—	
13	1883	Novembro	?	Neisse	—	—	Daniel, ficou completamente mudo
14	1883	Julho	18	Itoupava-Rega	—	—	
15	1884	Abril	21	Tiroler-Strasse	—	—	
16	1885	Março	14	Guaricanas	—	—	
17	1885	Setembro	?	Lontras	2	—	
18	1885	Dezembro	2	Garcia	1	—	Colono Sprung
19	1889	Janeiro	29	S. Pedrinho	—	—	
20	1889	?	?	S. Pedrinho	—	—	
21	1889	?	?	S. Pedrinho Novo	—	—	Todas as casas foram saqueadas e os colonos atugentados.
22	1890	Julho	?	Trombudo	1	—	
23	1894	Fevereiro	?	Milaneses	—	—	
24	1895	Janeiro	2	Estrada de Curitiba	5	3	Assalto a tropeiros
25	1895	Junho	5	» » »	—	—	
26	1895	Dezembro	25	» » »	2	—	Hanemann e Klegien
27	1897	Maiο	?	» » »	1	—	João Cardoso
28	1902	Fevereiro	13	Subida	1	—	Manoel Laurentino
29	1902	Julho	1	Ipiranga	3	—	
30	1902	Novembro	3	Nova Bremen	1	1	Zinke e Engelhardt
31	1902	Julho	12	Ribeirão dos Russos	—	1	Ferido A. Schuhmann
32	1902	Dezembro	?	Guaricanas	2	—	
33	1903	Abril	?	Estrada de Curitiba	1	—	Morto Franz Dettmer
34	1903	Setembro	?	» » »	1	—	
35	1904	Março	7	» » »	—	1	Ferido Richard Enke
36	1904	Março	13	Ribeirão Basilio	—	—	
37	1904	Abril	Páscoa	Fundos Warnow	—	—	Saqueados 9 colonos
38	1905	Julho	?	Estrada de Curitiba	—	—	
39	1905	Julho	?	» » »	1	1	
40	1905	Julho	?	» » »	1	3	
41	1906	Fevereiro	15	» » »	—	2	Os 2 lageanos quase morreram
42	1906	Abril	10	» » »	—	1	
43	1906	Outubro	23	Scharlach-Hansa	—	1	Ferido o colono Schulze
44	1906	Novembro	29	Índios-Hansa	1	—	Assalto à Krause
45	1908	Outubro	7	Pouso Redondo	—	—	
46	1908	Novembro	1	Pinhalsinho	1	—	João Freitas
47	1908	Novembro	17	Lraço do Oeste	—	2	C. Brasil e espôsa
48	1910	Dezembro	14	Rafael-Hansa	1	—	Morto o Colono Pletz
49	1911	Fevereiro	4	Pinheiros	3	1	Senhora Pannoch e Filhos
50	1911	Abril	9	Estr. de Rio Preto	—	1	
51	1911	Setembro	9	Índios-Hansa	—	—	No lote de Dörlitz e Hähnert
52	1911	Novembro	3	Ribeirão dos Russos	—	—	No lote de W. Schuhmann
53	1911	Novembro	3	Ipiranga	—	—	Os bugres roubaram e mataram animais
54	1912	Junho	1	Pouso Redondo	—	—	
55	1913	Fevereiro	26	Braço do Oeste	—	1	Ferido Júlio Almeida
56	1913	Maiο	8	Braço do Oeste	—	1	E um bugre morto
57	1913	Julho	15	Caminho Reuter	1	—	Morto José Moser
58	1913	Agosto	10	Kraul-Hansa	1	—	Morto Horak
59	1913	Outubro	14	Braço do Oeste	—	1	Ferido Felix Leite
60	1914	Junho	9	Liberdade	—	—	5 casas saqueadas
61	1914	Junho	15	Liberdade	1	1	Morto Knecht e Ferido Krüger
61					41	22	

Além desses 61 assaltos, nos quais 41 brancos perderam a vida e dos 22 feridos uma grande parte morreu em consequência dos ferimentos, os selvagens mantiveram-se em alguns lugares por muito tempo, prejudicando os colonos, como em Pouso Redondo, onde permaneceram por semanas e meses e, durante esse tempo, mataram tropas inteiras de gado cavalari e bovino.

*) Como as coleções de jornais postas à minha disposição eram incompletas, é possível que o número de assaltos seja um pouco maior do que o relacionado.